

## NA “VIA CRUCIS”, O CORPO: EROTISMO, DESEJO E INQUIETAÇÃO

Martanézia Rodrigues Paganini<sup>1</sup>

### Resumo:

*Pretende-se, nessa comunicação, analisar textos do livro A via crucis do corpo, coletânea de contos, publicada em 1974. Nessa obra, Clarice reúne catorze textos, na maioria dos quais a questão principal é a sexualidade. O corpo feminino é o grande personagem dos contos deste livro. Em A via crucis do corpo Clarice nos apresenta o corpo feminino diante das fantasias, manifestando desejos carnavais, chegando a mundanos, num violento processo de busca de afirmação de identidade. Nos textos de Clarice reside um erotismo que vai muito “além do princípio do prazer”, no sentido freudiano, chega ao gozo, a fruição, como diria Barthes.*

**Palavras-chave:** Literatura, erotismo e identidade

### Introdução

A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela.

(Clarice em *A paixão segundo GH*)

Na literatura brasileira, Clarice Lispector é apontada como uma das mais expressivas escritoras a tematizar o drama da vida humana. Em sua obra convergem os problemas mais conflitantes da contemporaneidade, dentre os quais o erotismo feminino aparece como expressão brasileira de uma abertura da consciência do ser-mulher. Desde as suas primeiras obras, Lispector sinaliza essa questão, porém em *A via crucis do corpo*, a escritora intensifica a problemática. Nessa coletânea de contos, a autora de *Laços de família* nos apresenta personagens mulheres, manifestando desejos carnavais, chegando a mundanos, num violento processo de busca de afirmação de suas identidades. Nessa obra, publicada em 1974, fica ainda mais evidenciada a presença do erotismo. Este se impõe como força primeira, atuando como elemento desestabilizador de um sistema que reprime a sexualidade, principalmente a feminina. Tal como em *A paixão segundo GH*, *Laços de Família*, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, também nessa obra, a mulher, seu universo e seus conflitos são retratados. Porém não da mesma maneira, não sob o mesmo prisma. Se nas obras citadas a escritora expõe as personagens em seu cotidiano familiar, nessa, ela tocará em assuntos tabus. Assuntos dos quais não se ousam tratar abertamente. Clarice mexerá com o desejo, o desejo de ordem sexual. E sexo não é coisa que se fale assim, sem pudor. Talvez por isso, logo de início há desculpas, desvios e satisfações. É necessário esclarecer para que não seja julgada erradamente, sem direito à resposta. Então é melhor deixar claro que tudo o que foi escrito tem “Explicação”. Dessa forma, com humor e sutileza, Lispector coloca o corpo da mulher na “via crucis”, transformando-o em poderosa metáfora da conquista, da transformação e, sobretudo, da liberdade. Na “via crucis” está o corpo da mulher, transportando sua existência, materializando seu

---

<sup>1</sup> Mestra em estudos Literários. Universidade Federal do Espírito Santo. Professora-pesquisadora da Prefeitura Municipal de Cariacica-ES

desejo de completude. Nos contos dessa coletânea o desejo está direcionado à representação do corpo e às suas relações afetivas, eróticas, sexuais, culturais e sociais.

Conforme Freud, o corpo é habitado pela linguagem do desejo. O corpo traduz uma linguagem carregada de símbolos, de imagens e de afetos. A linguagem do desejo é a expressão de um inconsciente plural e dinâmico. É uma linguagem que nos remete a um corpo erógeno, corpo-linguagem de desejo. Este corpo, fala, transmite e produz linguagem. O corpo é, pois, erótico. Ele apresenta-se como uma abertura polissêmica, simbolizando a possibilidade de libertação. A polissemia está na sua inquietante ressonância de desejos. Nesse livro, Lispector promove essa “abertura polissêmica”, da qual nos fala Freud. As personagens, dos contos dessa coletânea, escancaram seus desejos de ordem sexual e apontam, inclusive, outras formas de relação que não a heterossexual prevista pelas práticas sociais, que reprimem a manifestação do corpo. É o que se pode verificar nos contos: “O corpo” e “Ele me bebeu”. É possível também apontar em *A via crucis do corpo* uma espécie de crítica a uma sociedade que oprime e condiciona os desejos. Pode-se verificar isso no comportamento das protagonistas. Estas, em diferentes universos e situações, lidam com a sexualidade que julgam ter que rejeitar. É importante notar como a autora usa a linguagem de maneira a se perceber como a sexualidade, sensualidade e desejo estão, inquestionavelmente, entranhados nas personagens apesar destas fugirem deles. A consciência do corpo traz à luz a verdadeira natureza do homem.

O conto que dá título ao livro, “Via crucis”, exhibe a estória de uma personagem que fica grávida sem ter tido relações com o marido. A criança gerada não foi resultado de relação sexual; não foi produto da cessão aos desejos do corpo. A futura mãe diz que não quer que o futuro filho passe pela via crucis do corpo: “Mas o que posso fazer para que meu filho não siga a via crucis?”. (LISPECTOR, 1998, p.30) Em um dado momento ela começa a sentir enjôos e pensa: “começou a via crucis do meu sagrado filho”. No fim do conto a questão: “Não se sabe se essa criança teve que passar pela via crucis. Todos passam”. (1998 p.33) Mas o que seria essa via crucis? A via crucis do corpo é o nome que dá título ao livro. E é sobre esse corpo que o livro trata. É importante mencionar que a escritora já antecipara essa verdade no fechamento de seu segundo livro: *A paixão segundo GH quando dissera*: “A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela.” (1998, p.178). Essa antecipação, a nosso ver, aponta o caminho do sacrifício que é o estar no mundo. Logo, pela via crucis todos têm de passar, pois todos somos seres vivos e estamos no mundo. O mundo que nos rodeia nos atinge de todas as formas, fisicamente, emocionalmente. O corpo sofre pelos ferimentos físicos e também pelos ferimentos da alma. É nele, no corpo, que reside, que se deposita os desejos, os anseios, as perdas, as dores, a felicidade, o amor, o ódio. Não obstante, contrariando os princípios da concepção normal, em que um novo indivíduo só é gerado pela relação sexual masculino/feminino, Maria das Dores (nome, aliás, bastante sugestivo para a temática posta ali em questão), tal qual a Virgem Maria, se encontra grávida de um menino. O que pensamos ser, efetivamente, inconcebível ocorre. Vê-se, pois, que Clarice lança mão de uma ironia para criticar os efeitos que o cristianismo provocou no pensamento ocidental quando ligou o sexo ao pecado. Constrói-se, assim, uma narrativa em que Maria das Dores, segue o mesmo percurso e o mesmo ritual da Virgem Maria quando concebeu Jesus Cristo.

Conforme Bataille, o mundo da religião é uma tensão trágica entre o profano e o sagrado. O pensamento cristão desconhece e ignora a tensão da atividade sexual. Por isso condena a sexualidade. Na esfera humana, a atividade sexual é essencialmente uma transgressão. “A essência do erotismo reside na inextrincável associação entre o prazer sexual e o proibido. Nunca, humanamente, a proibição surge sem a revelação do prazer e nunca o prazer surge sem o sentimento de proibição.” (1980, p.96) De acordo com Bataille, o cristianismo, ao investir contra um movimento natural que é a atividade sexual tornou-se, por assim dizer, a menos pura das religiões, porque é mediatizada pelo mundo do trabalho, pois condena todas as formas de erotismo, inclusive o sagrado. O cristianismo orienta que o homem deve realizar sacrifícios para alcançar os méritos do

mundo sagrado. Para entrar no reino do divino é preciso abdicar-se dos prazeres carnavais. Nesse sentido, ceder às tentações da carne é sujeitar-se a perder um lugar no paraíso. Na interpretação que se faz da gênese bíblica o casal de humanos separa-se de Deus ao descobrir seus corpos nus. Separar-se de Deus é descobrir os efeitos de não possuir atributos divinos: eternidade, infinitude, incorporeidade, auto-suficiência e plenitude. “Ora, pelo sexo, os humanos não somente reafirmam sem cessar que são corpóreos e carentes, mas também não cessam de reproduzir seres finitos. O sexo é o mal porque é a perpetuação da finitude.” (1991, P.87). Pelo sexo o homem descobre a sua essência, a sua finitude, por sua vez, a é a queda.

A queda o distancia para sempre de Deus, é o sentimento de um rebaixamento real e do qual a descoberta do sexo como vergonha e dor futura é o momento privilegiado. Com o sexo os humanos descobrem o que é possuir corpo. Corporeidade significa carência [...] desejo, limite e mortalidade. (BATAILLE 1991, p. 86)

Se o corpo é, naturalmente, morada do desejo e este se encontra, encravado na carne, tem de ser, então, alimentado. Não havendo, portanto, possibilidade, por vias normais, de fugir às tentações. A não ser por obra do Divino, como ocorreu com a Virgem Maria. Portanto, a virgindade, a negação do desejo, imposta pelo cristianismo, principalmente à mulher é um sacrifício, uma via-crucis no entender clariceano. Há, portanto, ironia na alusão bíblica clariceana. Os dados sugerem que Maria das Dores dissimula uma situação de disfarce de um filho gerado fora do casamento. A menstruação estava atrasada foi isso que a levou à ginecologista. Ela era virgem do casamento, do marido, pois este era impotente, o que nos leva a pensar num possível relacionamento dessa mulher com outro homem. Chegando em casa contou ao marido o que acontecia.

O homem se assustou: - Então eu sou S. José? – é foi a resposta lacônica. [...] A uma amiga mais íntima Maria das Dores contou a história abismante. A amiga também se assustou: Maria das Dores, mas que destino privilegiado você tem! – privilegiado, sim, suspirou Maria das Dores. Mas o que posso fazer para que meu filho não siga a via crucis? (LISPECTOR, 1998, p.30)

Observa-se, pois, que o artifício da ironia é o que sobressai nessa narrativa. O sacrifício imposto pela sociedade, fazendo com que o sujeito ignore seus desejos, os desejos que lhe são inatos. Ao se ver naquela situação, Maria das Dores, recorre à Virgem Maria. José, por sua vez, tem de aceitar, pois é melhor aceitar esse fato que confessar sua “incompetência”. A personagem Maria das Dores do conto a “Via crucis” encontra no sacrifício de Maria um “modelo” e uma saída para a interdição imposta pelas convenções sociais que prevê uma norma de comportamento, que impede a manifestação do desejo carnal, e interdita o sexo, principalmente às mulheres, regulando-os e reprimindo-os; delimitando e cristalizando papéis e imagens que, na verdade, alienam e deslocam o desejo. É o que Clarice mostra ao longo dos contos dessa coletânea.

As narrativas “Melhor que arder” e “Mas vai chover” também relatam situações em que personagens femininas sentem os desejos sexuais pulsarem, emanarem e não conseguem reprimi-los, mais que isso, transpõem as barreiras da tradição e entregam aos seus impulsos. Clarice toca em questões tabus. No primeiro conto a personagem é uma freira, Clara e, no segundo, é uma mulher de sessenta anos, Maria Angélica. Vê-se, pois uma clara alusão aos modelos padronizados de comportamento, que impõem ao indivíduo que cale todo e qualquer desejo sexual indo contra uma força natural. Aí está o jogo da autora. O texto enfoca, também, a questão do desejo feminino na terceira idade. No primeiro conto a freira decide não se fechar mais e deixa o convento em busca de alguém que possa saciar seus desejos, encontra, casa-se e vai para a lua-de-mel: “Ela voltou grávida, satisfeita, alegre. Tiveram quatro filhos, todos homens, todos cabeludos”. (1998, p 77) Em

“Mais vai chover” uma mulher, da terceira idade muito solitária entrega-se louca e cegamente a um jovem para que este a satisfaça sexualmente, não importando-se de ser explorada. E continua na solidão. “Estava quieta, muda. Sem palavra nenhuma a dizer. - Parece - pensou - parece que vai chover” (1998, p.79) Esse fala ao final do conto transmite a idéia de retorno ao cotidiano.

No conto “Miss Algrave” temos a personagem que dá nome ao título. Uma mulher virgem, solteira e sozinha que vive numa Londres do século passado e que se auto- reprime sexualmente. Miss Algrave protesta a todo instante e de toda maneira contra aquilo que ela julga imoral: o sexo. Na solidão de sua vida mesquinha e fútil, lembranças de suas primeiras manifestações sexuais a atormentam. Tudo corria, normalmente com Ruth Algrave, descendente de irlandeses, vivia para o trabalho; “era uma datilógrafa perfeita. Seu chefe nunca olhava para ela e tratava-a, felizmente, com respeito, chamando-a de Miss Algrave.” (1998, p.13-14) Esses dados, são particularmente interessantes, pois fazem menção a uma personagem que será criada posteriormente por Lispector no livro *A hora da estrela*. Pois bem, se observarmos, atentamente, Ruth Algrave apresenta indícios da nordestina Macabéia. A personagem em questão é uma datilógrafa “estrangeira” numa cidade grande, ansiosa por encontrar alguém que a auxilie a romper as barreiras que traz em si. Logo de início, a narrativa nos aponta um problema: a solidão e a monotonia na qual vivia a mulher. Ela que, embora fosse possuidora de um corpo bonito, era virgem, ninguém a olhava; nem “nunca ninguém havia tocado nos seus seios.” (1998, p.14) Ao que parece, esse é o grande problema, a personagem, que não sabemos a idade, mas ao que indica se encontra em meia idade, ainda não experienciou uma troca afetiva maior. Por isso, se fechara, ficando as lembranças a atormentá-la: “[...] quando era pequena, com uns sete anos de idade, brincava de marido e mulher com seu primo Jack, na cama grande da vovó. E ambos faziam tudo para ter filhinhos sem conseguir. Nunca mais vira Jack nem queria vê-lo. Se era culpada, ele também o era.” (1998, p.13)

Pelo que se observa, a personagem carrega um sentimento de culpa que advém, entre outros fatores, de um processo de repressão, que conforme Chauí (1991, 49), foi responsável pela idéia da sexualidade como pecaminosa, imoral e viciosa. Segundo a autora, herdamos da cultura judaica cristã uma visão extremamente repressora da sexualidade, mais acentuadamente marcada, como sempre, para o contingente feminino. Nossas raízes culturais estão impregnadas de uma visão distorcida da sexualidade, onde a prática da repressão é o comportamento usual, ao menos para as mulheres, quando não também para os homens. Embora nossa civilização tenha, nos últimos séculos, vivido alguns momentos de maior liberalidade, essa visão distorcida da sexualidade foi a tônica principal, mantida durante todos esses séculos em que ela vem se cristalizando. Diga-se de passagem que, mesmo em seus momentos de mais liberdade, o exercício pleno da sexualidade sempre foi apanágio das pessoas adultas, que vêem com maus olhos a sexualidade dos adolescentes, ridicularizam as manifestações sexuais da terceira idade e negam - ao menos negaram até há poucas décadas - a sexualidade na infância. Esse paradigma de comportamento se faz sentir pelas mulheres construídas ao longo da produção literária de Lispector e outras mulheres da literatura brasileira. Nesse contexto, a mulher sente-se “desorientada” em relação a sua libido, aos desejos inerentes de seu corpo. Pensamos que advém desse fato o comportamento da personagem do conto em questão. É isso que faz Ruth algrave manifestar um sentimento de repulsa com relação à sua sexualidade, fazendo-a até renegar seu próprio corpo e fechar os olhos aos casais que se beijavam ao seu redor, quando estava no Hyde Park. Não permitia a si os prazeres da carne, literalmente, (sequer comia carne). Não ousava olhar para não enxergar nada de ordem sexual, não se aproximava daquilo que poderia lhe causar prazer. Negava a sexualidade alheia, mais ainda, a sua própria, pois não conseguia olhar para seu próprio corpo. Pois conforme Otavio Paz, (2001, p. 182), “o encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou desnudo, o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo”. Por isso, a mulher do conto em análise procura fechar os olhos perante o corpo, pois sabe que percebê-lo, tocá-lo é abrir-se para fantasias e afastar-se do cotidiano. “Tomava banho só uma vez por semana, no sábado. Para não ver o seu corpo nu, não tirava nem as calcinhas nem o sutiã.” (1998, p.14) Por esse trecho pode-se arriscar

uma possível leitura freudiana da sexualidade: teria Ruth Algrave sofrido algum trauma em relação a sua sexualidade?

Em “O mal estar na civilização”, Freud aponta o papel desempenhado pelo amor na origem da consciência e a inevitabilidade do sentimento de culpa. Conforme o cientista a civilização impõe ao indivíduo certas normas que regula o seu desejo, gerando assim um conflito. Assim, o conflito passa a existir assim que os homens decidem viver juntos e enquanto a comunidade não assume outra forma que não a família, o conflito (eros X instinto de morte) se expressa no complexo edipiano, estabelece a consciência e cria o primeiro sentimento de culpa.

Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego. [...] em primeiro lugar, vem a renúncia ao instinto, devido ao medo de agressão por parte da autoridade *externa*. (é a isso, naturalmente, que o medo da perda do amor equivale, pois o amor constitui proteção contra essa agressão punitiva.) Depois, vem a organização de uma autoridade *interna* e a renúncia ao instinto devido ao medo dela, ou seja, devido ao medo da consciência. (FREUD, 1974, p. 151 os grifos são do autor)

O sentimento de repulsa, manifestado por Ruth Algrave e pelas personagens dos outros textos reunidos nesse livro, parece remeter aos dois aspectos de uma vivência culposa. Visto que, para Freud, o sentimento de culpa remete a duas origens, mas estas estão sempre relacionadas para o campo de estudo da consciência social, para a busca de entendimento de como os seres humanos na sua relação com o mundo social e natural, apreendem esses mundos e a si mesmos, enquanto seres pensantes. Eis a razão pela qual Ruth Algrave manifesta seu repúdio: “lamentava muito ter nascido da incontinência de seu pai e de sua mãe, sentia pudor deles não terem tido pudor.” (1998, p. 16) Ela, então, cria uma situação imaginária para sua felicidade; imagina-se sendo deflorada por um ser de outro planeta, Ixtlan, vindo de Saturno.

Foi então que aconteceu.

Sentiu que pela janela entrava uma coisa que não era um pombo. Teve medo. Falou bem alto:

- Quem é:

E a resposta veio em forma de vento:

- Eu sou um eu.

[...] - vim de Saturno para amar você.

- Mas eu não estou vendo ninguém! Gritou

E sentia-o mesmo. Teve um *frisson* eletrônico. (1998, p.16-17)

A partir desse ponto, pode-se perceber, com Otávio Paz, duas faces do erotismo sendo despontada a partir do desenvolvimento da atitude da personagem. Paz orienta que

O erotismo encarna duas figuras emblemáticas: a do religioso solitário e a do libertino. Emblemas opostos, mas unidos no mesmo movimento, ambos negam a reprodução e são tentativas de salvação ou libertação pessoal diante de um mundo caído, perverso, incoerente ou irreal. (PAZ, 2001, p. 187).

Vê-se, pois que algo semelhante ocorre com Miss Algrave, de moça recatada, que repudia o sexo, passa a um comportamento inverso: a prostituta. Vejamos mais adiante o que Paz reafirma:

A castidade é uma prova, um exercício que nos fortalece espiritualmente e permite-nos dar o grande salto da natureza humana em direção ao sobrenatural. A castidade é apenas um caminho entre outros [...] para alcançar um propriamente sobrenatural – seja esse a comunhão com a divindade, o êxtase, a libertação ou a conquista do “incondicionado”. Muitos textos religiosos entre eles alguns grandes poemas, não vacilam em comparar o prazer sexual com o deleite extático do místico e com a beatitude da união com a divindade.

(PAZ, 2001, p.22)

Nesse sentido, se pode compreender, com Otávio Paz, que as personagens clariceanas, não encontrando no outro uma possibilidade de preenchimento de seu vazio, buscam a felicidade com o desconhecido, aspecto defendido pelos místicos cabalistas. Assim, pode-se afirmar que o processo de reversão da personagem brota da experiência mística. A personagem busca o amor pleno, no entanto, os limites impostos pela castração a impedem de encontrá-lo, o que a faz buscar um gozo para além do fálico. A experiência mística passa, em primeiro lugar, pela experiência da dor, uma aflição no corpo, é o que ocorre com a mulher em questão. Sobre esse aspecto, é importante comentar que, nesse livro e, especialmente, nesse conto, Lispector organiza um discurso sobre o erotismo numa espécie de jogo de paradoxos, em que - o desejo carnal de suas personagens ganha certa transcendência ao mesmo tempo em que é demasiadamente mundano - o ato sexual se transforma num ritual sagrado, em que a Divindade é o estrangeiro por excelência. Esse jogo entre sagrado e profano permeia a maioria de seus contos eróticos. Pode-se, então, falar em um Eros divino, um sexo místico pelo qual um Ser misterioso penetra, radicalmente, no corpo e na alma. Nesse contexto, o gozo de Ruth Algrave é altamente erótico no sentido divino. Ela constrói esse novo sexo místico. No caso da alma humana feminina, trata-se de um gozo e uma dor ao mesmo tempo. Como até então não ocorrera o gozo carnal, ocorre agora em outro plano, remetendo a uma relação com a divindade. “Deus iluminava seu corpo”. (1998, p.18)

Eles se entendiam em sânscrito. Seu contato era frio como o de uma lagartixa. Dava-lhe calafrios. Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era da mais sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura coagulada. Ele disse: - Tire a roupa. Ela tirou a camisola. A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou a mão pelos seus seios. Rosas negras. Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Tinha medo que acabasse. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado. (LISPECTOR, 1998, p.16-17)

Vê-se, pela descrição do narrador, que se trata da “experiência interior”. Ao que se sabe, a experiência interior é um tipo de sentimento que não isola a matéria, não exclui o corpo. Assim, Bataille descrevera em seu livro: *A experiência interior*. Segundo o filósofo, a experiência interior procura o êxtase, sem a exclusão do corpo e termina por afirmá-lo como lugar receptáculo do gozo. No corpo – o erotismo – o orgasmo é algo que não pode ser cercado pela razão, é algo que está completamente fora de toda apreensão e conhecimento – é um estado que está fora-de, é o êxtase.

Nesse livro, o grande personagem é o corpo feminino, depositário do desejo. Clarice mostra, por meio de uma linguagem recheada de simbologia, o conflito por que passa as mulheres em ter de esconder e, até mesmo, negar àquilo que lhe é inato: sua sexualidade. O leitor, por meio dessa personagem, assiste a impossibilidade de fazer calar o corpo desejante. Assim, dentre outros aspectos, a repressão é o processo que perdura no comportamento das personagens desse livro.

Clarice, nessa obra, vem tratando desse tema, o da sexualidade reprimida, o da homossexualidade feminina, temas desconfortantes e pouco lidados em literatura. Constrói, para isso, figuras femininas para desenvolverem esse discurso. Percebe-se, nessa narrativa, a ocorrência de um processo de liberação. No início da história vemos a figura feminina numa posição desconfortante, no final ocorre uma libertação. As mulheres resolvem agir, tomar uma atitude que as tire da situação de opressão. A verdade é que elas tomam a decisão de serem felizes, mesmo que isso signifique ir contra as regras, as normas e conceitos - ou preconceitos - vigentes e respeitados. Esse é o território em que a escritura de Clarice se desenha: no “litoral” entre o ser e o dizer. Convém lembrar daquilo que orienta a psicanálise: o homem em sua incompletude assume um caráter irreparável e paradoxal. Entenda-se que, por estar submetido as leis da linguagem, que escamoteiam a realidade, o homem está alienado do seu ser; e, sendo assim, requer sempre algo que o complete, que o represente. Observa-se, que o que incita, o desejo é o que está oculto, a partir do momento em que se expõe há uma vulgarização, ocorre a “morte” da libido. O que vai ao encontro daquilo que orienta Foucault: se o sexo é reprimido o simples fato de falar dele, ou seja, a abertura constitui-se uma transgressão. Remete, também, ao preceito de Barthes sobre o gozo. Salienta o filósofo francês que a abertura não é erótica e, sim a intermitência.

O lugar mais erótico de um corpo não é lá onde o vestuário se entreabre? Na perversão (que é o regime do prazer textual) não há ‘zonas erógenas’ expressão aliás bastante importuna): é a intermitência como o disse muito bem a psicanálise, que é erótica: a da pele que cintila entre duas peças (as calças e a malha), entre duas bordas (a camisa entreaberta, a luva e a manga); é essa cintilação mesma que seduz, ou ainda: a encenação de um aparecimento-desaparecimento. (BARTHES, 1996, p. 17)

Assim, Clarice parece querer nos mostrar que o desejo feminino não passa somente pela questão da liberdade sexual. Suas personagens não procuram apenas a satisfação da carne, a materialização do desejo e sim buscam uma experiência do espírito que é o caminho da plenitude. Daí o retorno à carência, à incessante busca, à consciência do “impossível”, ou à consciência da morte, como lugar da superação de descontinuidade. Sua arte literária trazem à tona uma dor existencial, secreta, dilacerante, às vezes carregada também, de ironia. Outras vezes brinda-nos com toque de humor. Na verdade sua literatura revela uma intensa paixão pela vida.

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS***

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortência dos Santos. 8 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Tradução de Antonio Borges Coelho. Paris: Ullissea, 1957.

\_\_\_\_\_. **O erotismo**. Tradução Antonio Carlos Viana. 2 ed. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

CHAUÍ, Marilena. **A repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas**. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. V. XVIII.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. V.XXI.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Thereza da Costa Albuquerque. 15 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP. 1993.

HELENA, Lucia. **Clarice Lispector: a função desalienante de sua criação literária**. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília INL, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.

LYRA, Bernadeth; GARCIA, Wilton.(org.). **Corpo e cultura**. São Paulo: Xamã, ECA-USP, 2001.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.